



**Titel:** Cooperação internacional feminista e descolonização  
**Data:** 21.10.2023  
**Horário:** 14.30 – 16.00 Uhr  
**Palestrantes:** Jéssica Tupinambá (MUPOIBA), Ana Gualberto (Koinonia), Iracema Kaingang, Esti Redondo (MPA)  
**Moderação:** Uta Grunert, KoBra e.V.

---

**Protocolo:** Victoria Wölfl

---

Radua Khaled-Ibrahim da medico international cancelou como moderadora - Uta recomenda a leitura de seu artigo no Brasilicum.

Infelizmente, a participação planejada do BMZ no pódio não se concretizou. O KoBra usará as contribuições e discussões em torno do pódio para, posteriormente, retomar o diálogo com o BMZ.

**O conceito do BMZ: Política de desenvolvimento feminista para sociedades justas e resilientes em todo o mundo** foi desenvolvido após um processo de consulta. Ele tem boa leitura e foi publicado em março, juntamente com um conceito de política externa feminista. Progressivo, mas ainda há muito a ser discutido em detalhes.

Uta apresenta uma versão resumida do conceito. (veja a apresentação do documentação)

Teses centrais: Não se trata apenas de mulheres, mas de grupos marginalizados. Existem diferentes feminismos e perspectivas. Os desequilíbrios de poder e as crises globais exacerbam a discriminação em todo o mundo. A interseccionalidade é uma abordagem que descreve como as causas da discriminação se reforçam mutuamente. Os "3 Rs" são nomeados como um instrumento para superar a discriminação: Direitos, Recursos e Representação.

Uma citação do conceito do BMZ é digna de nota: "Continuidades coloniais e padrões de pensamento racistas ainda podem ser encontrados na política e na cooperação para o desenvolvimento atualmente."

Um plano de ação está previsto para a implementação.

O BMZ estabeleceu a meta de aumentar a proporção de seus fundos de projetos recém-comprometidos para a promoção da igualdade de gênero nos países parceiros para um total de 93% até 2025.

Críticas à sociedade civil:

- Conceito de desenvolvimento, "reunião ao nível dos olhos" - no desequilíbrio de poder entre doador e beneficiário - como isso funciona? Como conciliar altas demandas com orçamentos reduzidos, reparações pelo sofrimento não estão na agenda, o capitalismo e seus modos de produção estão sendo

## Dekoloniale Kämpfe: Nunca mais um Brasil sem nós!

[www.kooperation-brasilien.org](http://www.kooperation-brasilien.org)



examinados (patriarcado, capitalismo, racismo) - a cooperação oficial para o desenvolvimento está pronta para isso?

---

As participantes do painel discutem sua definição de feminismo. Iracema Kaingang (CIMI), Jéssica Tupinambá (MUPOIBA), Esti Redondo (Movimento dos Pequenos Agricultores) e Ana Gualberto (Koinonia).

Iracema: As mulheres sempre tiveram um papel especial na luta pelo território - elas esperavam o cacique, mas nada acontecia - agora ela é a líder de sua comunidade. Ela trouxe uma carta que gostaria de ler ou entregar aqui.

Multiétnica / multiética - queremos amar a vida. Não ao machismo. A Mãe Terra nos criou para cuidarmos dela. Muitas religiões, como as evangélicas, defendem o oposto - tratam os povos indígenas como bruxas e demônios.

Muitas pessoas estão passando fome no Brasil, inclusive em sua comunidade. A terra está nas mãos de grandes fazendeiros/proprietários de terras.

Jéssica: Feminismo indígena - primeiro é necessário descolonizar. Direitos iguais para todas as mulheres. Queremos levantar nossas vozes. As mulheres indígenas estão na linha de frente da luta pela igualdade. Muitas mulheres e mulheres jovens estão expostas à violência e à violência sexualizada. A violência doméstica também é um problema. Mas as mulheres também têm o direito de ocupar cargos importantes - assim como os homens, assim como eu estou neste palco hoje.

Ana: O papel das mulheres negras na história é bem conhecido. As mulheres negras nunca foram protegidas. Não sou uma mulher - esse discurso diz que as mulheres negras têm problemas muito diferentes dos das mulheres brancas na América do Norte, por exemplo. A luta é muito semelhante à luta dos povos indígenas. Trata-se de equidade de gênero - como vemos nossa identidade de gênero? O acesso ao poder para essas pessoas, com perspectivas e atitudes diferentes, é importante.

O texto do BMZ parece ótimo, mas é preciso pensar na implementação! Para isso, precisamos de prazos, dados, números, medidas. Caso contrário, serão apenas palavras bonitas. Somos reconhecidos, e isso é ótimo, mas agora é preciso implementar. Estamos cansados de palavras e documentos vazios. O concreto geralmente está ausente desses documentos.

Ana estava em uma conferência no Acre sobre créditos de carbono: ela pensou: "Que ótimo, todo esse dinheiro vai nos ajudar". Mas, no final, apenas 11% do dinheiro chega até elas. Quando pensamos em projetos como esse, sempre temos que pensar em mulheres como Ana. Atualmente, há muitas mulheres negras na universidade, mas os requisitos também estão se tornando cada vez mais rigorosos: é preciso falar três idiomas, ter experiência de trabalho etc.

Eu gostaria de ver mulheres negras e indígenas na vanguarda.

**Dekoloniale Kämpfe: Nunca mais um Brasil sem nós!**

[www.kooperation-brasilien.org](http://www.kooperation-brasilien.org)



Esti: Para construir o feminismo, temos de descolonizar. Para isso, precisamos dismantlar o patriarcado. Condições diferentes para pessoas diferentes, por exemplo, classe e terra, são válidas e devem ser reconhecidas. Nosso feminismo vem da terra e está ligado à produção de alimentos. É um feminismo do povo. Ela concorda com Ana, sim, é um belo documento, mas a implementação é difícil.

As mulheres brancas das áreas urbanas estão lutando para trabalhar. Mas nós lutamos para trabalhar menos - então, sim, também compartilhamos lutas, mas não é tudo a mesma coisa.

Queremos um feminismo que venha do campo. Você sabe o que essas mulheres do campo têm de fazer? Vivemos um feminismo que está em construção, que ainda está mudando. Estamos no processo de construção do nosso movimento e estamos trabalhando em conjunto com La via campesina. É um processo contínuo. Projetamos materiais didáticos de aprendizagem. Organizamos reuniões em nível nacional. Na economia, queremos conquistar a autonomia das mulheres. Também defendemos políticas de Estado. Essa é a nossa meta.

Uta: Muitas necessidades são expressas em suas contribuições. Trata-se de proteção contra abusos. Proteção da natureza, educação, participação e reconhecimento da diversidade.

Você tem alguma recomendação para o BMZ?

Ana: Posso passar meu conceito de planejamento para o BMZ e também precisamos ser pragmáticos. Então: como podemos chegar a soluções concretas?

Jéssica: Mostra fotos da Organização Social - Serra do Padeiro - eles trabalham não apenas com os Tupinambá, mas também com outras mulheres e grupos étnicos. Produzimos mandioca e ajudamos outras mulheres também. A produção sempre é feita de forma coletiva. Ela também mostra fotos do projeto da escola, que finalmente foi concluído e está aberto a todas as crianças da região. E fotos de um ritual e de um protesto ou marcha em memória de um massacre dos Tupinambás.

Temos que nos afastar das palavras bonitas e nos aproximar da realização. Todos nós precisamos unir forças para ter sucesso.

Iracema: Ela nos agradece por tê-la aqui. Porque precisamos uns dos outros. A floresta que se foi precisa voltar. E nós, mulheres, também precisamos de apoio.

Esti: Reparação deve ser uma palavra importante para o BMZ - eles precisam compensar o que foi mal feito no passado. Além disso, o feminismo na Alemanha e no Brasil é muito diferente porque as necessidades são diferentes. O feminismo traz novas abordagens para as soluções. Trata-se de unir forças.

Uta agradece aos participantes e os convida a discutir em pequenos grupos.